

MINIMIZANDO A ESTRUTURA SINTÁCTICA DOS COMPLEMENTOS INFINITIVOS NAS CONSTRUÇÕES COM PREDICADOS COMPLEXOS VERBAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU

ANABELA GONÇALVES
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

1. Introdução

A definição de **predicado complexo** como um único domínio flexional/funcional que contém dois ou mais verbos com propriedades temáticas próprias e que podem ou não formar uma unidade lexical (cf. Baker 1995) cobre um conjunto significativo de estruturas, nas quais podem ocorrer verbos de Controlo e verbos de Elevação (construções de Reestruturação, no sentido de Rizzi 1982) e verbos de Marcação Excepcional de Caso (MEC) que envolvem redistribuição de funções sintácticas (ou seja, causativos e perceptivos, na construção *fazer-Inf* de Kayne 1975).

Em Português Europeu (PE), os predicados complexos verbais deste tipo apresentam uma certa coesão estrutural e temporal, como o provam, respectivamente, a possibilidade de Subida de Clítico (cf. (1)) e a impossibilidade de ocorrência de especificações temporais em conflito nos dois domínios (cf. (2)), mas não morfológica, uma vez que pode ocorrer material lexical diverso entre os verbos que formam o complexo (cf. (3))¹.

- (1) a. O João não lhes quis contar a verdade.
b. O João não lhes pode contar a verdade.
c. O João não os mandou sair.
(com o significado de *O João não mandou sair os meninos*)
- (2) a. *??O João não os quis trazer amanhã.
b. *??O João não os pôde trazer amanhã.
c. *??O professor mandou fazer o trabalho aos meninos amanhã.

- d. O João não os quis trazer ontem.
 - e. O João não os pôde trazer ontem.
 - f. O professor mandou fazer o trabalho aos meninos ontem.
- (3) a. Onde lhe quererá *o João* falar?
 b. Quando lhe poderá *o João* falar?
 c. Quando mandaria *o professor* fazer o trabalho aos meninos?

Embora os predicados complexos que integram os verbos mencionados apresentem algumas propriedades em comum, existe evidência para a constituição de dois grupos: o dos verbos que entram na chamada construção de Reestruturação e o dos que ocorrem na construção *fazer-Inf*. A título de exemplo, considerem-se as sequências de (4) e (5), abaixo, que mostram que os verbos causativos podem ocorrer sob a forma passiva, caso em que o Objecto encaixado ocupa a posição de Sujeito do verbo superior, ao contrário do que acontece com os verbos de Controlo e de Elevação:

- (4) a. Este rei mandou construir o palácio ao arquitecto.
 b. O palácio foi mandado construir ao arquitecto por este rei.
- (5) a. Este rei quis/pôde construir o palácio.
 b. *O palácio foi querido/podido construir por este rei.

O **objectivo** desta comunicação é o de mostrar que contrastes como o que acima se apresenta resultam essencialmente do diferente estatuto categorial dos complementos infinitivos e, conseqüentemente, da diferente estrutura interna desses complementos. A **proposta** central é a de que as construções com predicados complexos do PE são defectivas no que diz respeito às categorias funcionais frásicas, ou porque estas, embora se projectem, são inertes relativamente a certos traços, ou porque não se projectam.

Assim, ao contrário de Rizzi (1982), Baker (1988) e Kayne (1989; 1991), considerarei que os complementos infinitivos nem sempre são projecções de categorias funcionais frásicas (S'/CP ou S/IP/TP), podendo ser projecções de categorias menores, como sugerido em Picallo (1990), Grimshaw (1993), Guasti (1993; 1997), Martins (1995) e Baker (1995). Serão objecto de estudo os predicados complexos que integram verbos de Controlo, verbos modais de Elevação e verbos causativos

Sobre a estrutura da frase assumirei (i) a hipótese do Sujeito interno ao VP (Koopman & Sportiche 1991) e (ii) a estrutura articulada da frase proposta em Chomsky (1993), mas em que T projecta uma posição de especificador, como é assumido para o PE e representado em (6):

(6) [AgrSP [AgrS' AgrS [TP [T' T [AgrOP [AgrO' AgrO VP]]]]]]

2. Os dados: evidência para a constituição de dois tipos de predicados complexos

Como referi na Introdução, existe evidência para se considerar que, em PE, existem dois grupos de predicados complexos (verbaux): o que integra verbos de Reestruturação (Controlo e modais de Elevação) e o que integra os verbos que ocorrem na construção *fazer*-Infinitivo (causativos, no caso em análise nesta comunicação).

A primeira propriedade distintiva diz respeito à forma do constituinte que classicamente tem sido caracterizado como Sujeito do domínio Infinitivo. Na construção de Reestruturação, como se assume desde o quadro de investigação conhecido como Teoria da Regência e da Ligação ("Government and Binding Theory"; Chomsky 1981), o Sujeito encaixado é nulo — PRO, nas construções de Controlo, ou vestígio do movimento do DP, nas construções de Elevação. Os exemplos respectivos são os que se apresentam em (7) e (8):

(7) O João não lhe quer PRO mostrar os quadros para a exposição.

(8) O João_i não lhe pode *t_i* mostrar os quadros para a exposição.

Pelo contrário, na construção *fazer*-Inf, o constituinte classicamente referido como Sujeito encaixado pode ter realização lexical e ocorre em posição final de frase, podendo assumir a forma de um DP cliticizável em acusativo ou de um PP introduzido pela preposição *a* e cliticizável em dativo, como se demonstra em (9) e (10), respectivamente²:

(9) a. O João mandou sair a Maria.
b. O João mandou-a sair.

(10) a. O João mandou comer a sopa à Maria.
b. O João mandou-lhe comer a sopa.

Este fenómeno de reordenação dos constituintes na construção *fazer*-Inf deve ser associado com a redistribuição das funções sintácticas e, logo, com a reatribuição das posições estruturais. Quanto ao primeiro aspecto, note-se que, por um lado, o constituinte em análise não pode exibir Caso nominativo, como acontece com os Sujeitos típicos do PE, e, por outro lado, o verbo encaixado não exhibe marcas de concordância com o Sujeito, como acontece quando a formação do predicado complexo não tem lugar. Os exemplos relevantes encontram-se em (11) e (12), respectivamente:

- (11) a. *O professor mandou sair eles.
 b. O professor mandou-os sair.
 c. *O João mandou comer a sopa ela.
 d. O João mandou-lhe comer a sopa.
- (12) a. O professor mandou os meninos saírem.
 b. *O professor mandou saírem os meninos.

Relativamente à reatribuição das posições estruturais, é de salientar a impossibilidade de o constituinte em causa ligar anáforas ou fixar a referência de possessivos que ocorram no domínio infinitivo, ao contrário do que acontece nas construções em que o predicado complexo não se forma. Vejam-se, a título de exemplo, as sequências de (13) e (14), que ilustram este contraste:

- (13) a. O João mandou o Pedro_j barbear-se_j.
 b. *O João mandou barbear-se_j o Pedro_j/ao Pedro_j.
- (14) a. O João_i mandou o Pedro_j guardar os seus_{i/j} livros.
 b. O João_i mandou guardar os seus_i/^{*j} livros ao Pedro_j.

Em segundo lugar, a construção de Reestruturação e a de *fazer-Inf* apresentam comportamentos distintos quanto à formação de estruturas passivas. Como já referi na Introdução, na primeira, não é possível a formação de uma estrutura passiva no domínio mais alto, ao contrário do que acontece na segunda; o contraste é o que se apresenta em (15) e (16)³:

- (15) a. *Este livro não foi querido/devido ler-lhe pelo João.
 b. *Este livro não lhe foi querido/devido ler pelo João.
- (16) O palácio foi mandado construir ao arquitecto pelo rei.

Em terceiro lugar, enquanto na construção de Reestruturação, qualquer clítico do domínio infinitivo pode subir para o domínio mais alto, independentemente da forma que assume, na construção *fazer-Inf*, os clíticos classicamente caracterizados como Objecto Indirecto (OI) do verbo encaixado não podem subir. Vejam-se, a este propósito, os exemplos (17) e (18):

- (17) a. O João não o quer/pode dar à Ana.
 b. O João não lhe quer/pode dar o livro.
- (18) a. O João não lhe mandou comer a sopa.

- b. O João não a mandou comer à Ana.
- c. O João não lhe mandou escrever à Ana.
(OK se *lhe* for o "Sujeito" encaixado do domínio infinitivo;
* se *lhe* for o OI de *escrever*)

Finalmente, desde que não haja contradições ao nível da referência temporal, é possível a ocorrência do auxiliar perfectivo *ter* no complemento infinitivo seleccionado por verbos de Reestruturação, o que não acontece na construção *fazer-Inf*, como se conclui a partir do contraste entre (19) e (20)⁴:

- (19) O João não lhe queria/podia ter contado a verdade sobre os acontecimentos.
- (20) *O João não o mandava ter visto aos meninos.

Na secção seguinte procurarei apresentar uma hipótese de explicação destes contrastes, a qual se baseia na ideia de que só se projectam os núcleos funcionais para os quais existe evidência.

3. A hipótese das projecções funcionais mínimas

3.1. O princípio de economia nas representações

Uma das ideias centrais de Chomsky (1991; 1993; 1995) é a de que as derivações e as representações se devem regular por princípios de economia. Assim, por um lado, o número de passos deve reduzir-se aos que são estritamente necessários para a convergência da derivação e os símbolos utilizados devem limitar-se àqueles que podem ser legitimados, de acordo com o Princípio de Interpretação Plena ("Full Interpretation").

A adopção do princípio de economia nas representações é essencial para a análise que aqui desenvolvo, podendo ser formalizado como em Bošković (1997: 25; (31)):⁵

- (21) *Princípio da Estrutura Mínima* ("Minimal Structure Principle")
Desde que sejam satisfeitos os requisitos lexicais dos elementos relevantes, se duas representações tiverem a mesma estrutura lexical e servirem a mesma função, então a representação que incluir menos projecções deve ser escolhida como a representação sintáctica que serve essa função.

A ideia central implícita em princípios como (21) é a de que só se projectam as categorias funcionais para as quais se tem evidência. No quadro (22), reformulado a partir de Guasti (1997: 131), apresentam-se de forma

synthesized the phenomena that constitute evidence for the projection of functional categories and V:

(22)

CP	AgrSP	NegP	TP	AgrOP	VP
Movimento QU-	Sujeito pré-verbal; Inf flexionado	Negação	Auxiliar perfectivo	Caso do Objecto	verbo

3.2. A estrutura das frases com predicados complexos do PE

Assuming, as in 3.1, that the representations must obey a principle of economy (cf. (21)), the objective of this section is to show that the similarities and differences between the two types of complex predicates in analysis result from the projection or non-projection of certain functional nuclei in the infinitive complement selected by the verbs of the higher domain.

3.2.1. Aspectos comuns aos dois tipos de predicados complexos

As is known, constructions with complex predicates present a set of significant properties, independent, in essence, of the type of verb that occurs in the higher domain. Of these properties, the Subjunctive Clitic (cf. (23)) and the Long Object Movement in constructions with *-se* passive (cf. (24))⁶:

- (23) a. Os meninos não o querem/devem cumprimentar.
b. Os pais não lhes mandaram cumprimentar os professores.

- (24) a. Querem-se/Devem-se construir mais casas até ao final do ano.
b. Mandaram-se construir mais casas até ao final do ano.

To explain the existence of phenomena such as the Subjunctive Clitic and the Long Object Movement, which attest in favor of syntactic cohesion between the two verbs, one can hypothesize that certain functional nuclei do not project in the infinitive domain, which creates the desired transparency effects. For this hypothesis to be valid and conform to the principle of economy in representations (cf. (21)), it is necessary to find empirical evidence that supports it. Thus,

(A) Evidence against the projection of C: there is no QU- movement internal to the infinitive complement

- (25) a. *O João não o quer quando comprar.

b. O João não o deve quando comprar.

(26) *O João não lhe mandou quando comprar o livro.

(B) Evidência contra a projecção de AgrS: não ocorrem formas de Infinitivo flexionado (cf. (27) e (28)); se ocorrer um verbo que selecciona um complemento com Infinitivo flexionado não se forma o predicado complexo (cf. (29) e (30))

(27) a. Os meninos não lhe querem/podem contar a verdade.
b. *Os meninos não lhe querem/podem contarem a verdade.

(28) a. Os pilotos não mandaram arranjar o carro aos mecânicos.
b. *Os pilotos não mandaram arranjem o carro aos mecânicos.

(29) a. Os pais disseram terem os meninos lido o livro.
b. *Os pais não o disseram terem os meninos lido.

(30) a. Os pilotos não mandaram os mecânicos arranjar o carro.
b. *Os pilotos não o mandaram os mecânicos arranjem.

(C) Evidência contra a projecção de Neg: o marcador de negação frásica não ocorre no domínio infinitivo

(31) a. (O professor disse que) *o João os quis não comprar.
b. (O professor disse que) *o João os pode não comprar.

(32) *Os pilotos mandaram não arranjar o carro aos mecânicos.

Uma vez que os dados apresentados em (25)-(32) constituem evidência contra a projecção de C, AgrS e Neg no domínio encaixado, restam-nos apenas os núcleos T e AgrO, que serão objecto de análise na secção seguinte.

3.2.2. Aspectos distintivos

Continuando a assumir o princípio de economia nas representações, mostrarei agora que as diferenças de comportamento entre os dois grupos de predicados complexos resultam do facto de certos núcleos se projectarem no complemento infinitivo de umas construções mas não de outras.

3.2.2.1. O núcleo T

Wurmbrand (1998) considera que, nas construções de Reestruturação do Alemão, T não se projecta no domínio infinitivo. Os argumentos que a autora apresenta em favor da sua análise são, essencialmente, (i) a impossibilidade de o domínio infinitivo introduzir uma referência temporal independente da que é veiculada no domínio matriz e (ii) a ausência de PRO na posição encaixada de Sujeito das construções de Controlo. Ao contrário desta autora, proponho que, em PE, T se projecta no domínio infinitivo da construção de Reestruturação. Apresento de seguida os dois argumentos básicos em favor desta proposta:

Argumento 1: sob determinadas condições, pode ocorrer, no domínio infinitivo, o auxiliar de tempos compostos, *ter*, geralmente associado ao núcleo funcional T (cf. quadro (22)). A este propósito, reveja-se o exemplo (19), repetido em (33) por comodidade de exposição:

- (33) O João não lhe queria/podia ter contado a verdade sobre os acontecimentos.

Argumento 2: no caso das construções de Controlo, a posição encaixada de Sujeito é ocupada pela categoria vazia PRO, que deve verificar Caso nulo contra (certas instâncias de) T não finito (Martin 1992, Chomsky & Lasnik 1993), quer nas construções activas quer nas construções em que o verbo encaixado ocorre sob a forma passiva:

- (34) O João não lhe quer PRO dar o livro.

- (35) O João não lhe quer PRO ser apresentado *t*.

Neste aspecto, a minha proposta distingue-se da de Wurmbrand (1998), segundo a qual a ausência de PRO está intimamente ligada ao facto de os verbos de Reestruturação do Alemão não admitirem a construção de Controlo imperfeito, ao contrário do que acontece com os verbos que não admitem Reestruturação⁷. O contraste relevante é o que se apresenta em (36):

- (36) a. weil der Bürgermeister beschloß sich in Schloß
 porque o Presidente da Câmara decidiu SE em castelo
 zu versammeln
 reunir
 'porque o Presidente da Câmara decidiu reunir-se no castelo'
 (Wurmbrand 1998: 19; (36a))
 b. *weil der Bürgermeister versuchte sich in Schloß

porque o Presidente da Câmara tentou SE em castelo
 zu versammeln
 reunir

*'porque o Presidente da Câmara tentou reunir-se no castelo'

(id.: 20; (37d))

Para a autora, o facto de os verbos de Reestruturação não permitirem a construção de Controlo imperfeito prova que não existe Sujeito encaixado (ou seja, PRO), o que não permite obter a interpretação requerida. Ora, em PE, não existe contraste de gramaticalidade entre uma sequência que integre um verbo de Reestruturação (cf. (37b), abaixo) e uma que integre um verbo que não pertença a esta classe (cf. (37a)), sendo ambas igualmente agramaticais se construídas em paralelo com as do Alemão:

(37) a. *O Presidente decidiu reunir-se no castelo.

b. *O Presidente quis reunir-se no castelo^a.

A ter em conta a análise de Wurmbrand (1998), teríamos de assumir que PRO não se projecta mesmo nas construções em que não se observam efeitos de Reestruturação, o que seria indesejável. Assumamos, então, que, em PE, T se projecta no domínio infinitivo seleccionado por verbos de Reestruturação. Desta forma, no caso das construções de Controlo, é possível a verificação do Caso nulo associado a PRO; por seu turno, nas construções de Elevação com modais, a projecção de T explica a possibilidade de ocorrência do auxiliar perfectivo no domínio encaixado, sendo, no entanto, necessário assumir que, nestas construções, o referido núcleo não tem traços casuais associados, o que obriga à subida do DP Sujeito para o domínio mais alto (Martin 1992, Chomsky & Lasnik 1993).

Contrariamente ao que acontece na construção de Reestruturação, existem argumentos para se considerar que, em PE, T não se projecta no domínio infinitivo se o predicado complexo for do tipo *fazer-Inf*:

Argumento 1: em nenhuma circunstância pode ocorrer o auxiliar perfectivo, como se observa em (38) (= (20)):

(38) *O João não o mandava ter visto aos meninos.

Argumento 2: dado que a posição encaixada de Sujeito não é ocupada pela categoria vazia PRO, não existe qualquer constituinte que deva verificar Caso nulo, operação que é da responsabilidade de (certas instâncias de) T não finito.

Daqui se conclui que:

- (i) se o predicado complexo integrar um verbo de Controlo ou um verbo modal de Elevação, o complemento infinitivo pode ser projecção de T;
- (ii) se o predicado complexo integrar um verbo causativo, o complemento não é projecção de T.

Uma análise deste tipo permite dar conta da diferença de comportamentos relativamente ao auxiliar de tempos compostos e à forma do Sujeito encaixado, como vimos anteriormente. No entanto, ela pode ser problemática por não captar algumas semelhanças que parecem estar relacionadas com o núcleo T. Efectivamente,

- (i) a impossibilidade de ocorrência do marcador de negação em ambos os casos (cf. (31) e (32)) dever-se-ia relacionar com a inexistência de um nó T que legitimasse Neg (cf. Zanuttini 1997) e
- (ii) a dependência temporal do domínio infinitivo relativamente ao domínio mais alto (cf. (2)) dever-se-ia relacionar com a existência de um só nó T, o superior, onde os dois verbos verificariam os seus traços, constituindo uma cadeia temporal no sentido de Guéron & Hoekstra (1988).

Uma solução possível para tal problema pode ser a de considerar que, nas construções de Controlo e de Elevação com modais em que se manifestam propriedades de predicado complexo, T se projecta, mas é defectivo, por ser inerte relativamente a determinados traços (nomeadamente os traços-V; cf. Gonçalves 1998a; 1998b e Gonçalves (em preparação)). Desta caracterização do núcleo T encaixado decorrem basicamente duas consequências: (i) um T defectivo não pode legitimar Neg e (ii) um T defectivo não veicula uma referência temporal própria, distinta da de T matriz, pelo que o verbo encaixado deve verificar os seus traços contra os de T matriz, o que cria os efeitos de cadeia temporal exemplificados em (2).

3.2.2.2. O nó AgrO

Uma vez que, nos predicados complexos do tipo *fazer-Inf*, T não se projecta no complemento infinitivo, a hipótese a considerar é a de que esse complemento é, nestas construções, uma projecção de AgrO. No entanto, assumindo, como se propõe em (22), que AgrO está intimamente relacionado com o Caso do Objecto, é possível encontrar dados empíricos que constituem evidência contra a projecção desse núcleo funcional na construção mencionada.

Como se mostra em (39) e (40), abaixo, o DP Objecto do verbo encaixado não é apenas OD desse verbo mas de todo o complexo verbal. Assim,

- (i) quando cliticizado, ocorre obrigatoriamente adjacente ao verbo superior e não ao verbo encaixado, como seria de esperar se fosse OD apenas desse verbo (ver (39));
- (ii) o verbo causativo pode ocorrer sob a forma passiva (ver (40)), caso em que
 - o DP Objecto encaixado ocupa a posição de Sujeito do domínio mais alto e
 - o DP que é Sujeito na activa ocorre em posição final, precedido da preposição *por* (ver (40b)).

- (39) a. A polícia empregou métodos brutais para fazê-lo [/o fazer] confessar ao João.
 b. *A polícia empregou métodos brutais para fazer confessá-lo ao João.

(Raposo 1981: 202; (104))

- (40) a. O duque mandou construir o palácio ao arquitecto.
 b. O palácio foi mandado construir ao arquitecto pelo duque.

(Raposo 1981: 183; (51))

Se AgrO se projectasse no domínio infinitivo em (40), o DP *o palácio* verificaria Caso acusativo nesse domínio, pelo que a subida para o domínio mais alto estaria excluída, já que o movimento de uma posição de Caso para outra é proibido, mesmo se na primeira é verificado o Caso errado (cf. Lasnik 1993). Se, pelo contrário, assumirmos que não há AgrO no domínio encaixado, o DP *o palácio*, em (40b), sobe para o domínio mais alto, a fim de verificar os seus traços casuais, em consonância com o princípio do Movimento em Benefício Próprio ("Greed"; Chomsky 1993).

Os exemplos (39) e (40) permitem-nos, assim, concluir que, na construção *fazer-Inf*, o Objecto encaixado é de facto o OD de todo o complexo verbal. Pode-se, por isso, dizer que, na construção mencionada, se verifica uma redistribuição de funções sintácticas que não acontece quando o predicado complexo não se forma. A este propósito, considere-se a frase (41), em que não operou a formação do predicado complexo:

- (41) O rei mandou os arquitectos construirem o palácio.

Neste caso, e ao contrário do que acontece em (40a), o DP *o palácio* é OD apenas do verbo encaixado, como se espera se os dois verbos não constituírem um predicado complexo. Desta forma, o referido DP cliticiza no verbo encaixado (cf. (42)) e a formação de uma passiva no domínio superior, com a consequente subida do Objecto encaixado para a posição mais alta de Sujeito, gera uma sequência agramatical (cf. (43)):

- (42) a. O rei mandou os arquitectos construírem-no.
 b. *O rei mandou-o os arquitectos construírem.

(43) *O palácio foi mandado os arquitectos construírem pelo rei.

Note-se que a redistribuição de funções sintácticas afecta não só o Objecto encaixado, mas também o Sujeito (cf. (9), (10), (13) e (14)) e o OI encaixados (cf. (18) e (44)).

(44) */??O João mandou escrever a carta à Ana ao Pedro.

Contrariamente ao que acontece na construção *fazer-Inf*, na construção de Reestruturação, é impossível passivizar o domínio mais alto, com a consequente subida do Objecto encaixado para a posição de Sujeito daquele domínio, o que constitui evidência a favor da projecção de AgrO encaixado:

- (45) a. O rei quis construir o palácio.
 b. *O palácio foi querido construir pelo rei.
 (46) a. O rei pôde construir o palácio.
 b. *O palácio foi podido construir pelo rei

Em (45b) e (46b), o DP *o palácio* é inserido na derivação como Objecto de *construir*, devendo a subida para a posição mais alta de Sujeito ser motivada pela necessidade de verificação dos traços casuais do referido DP.⁹ Assumindo que AgrO se projecta no domínio encaixado, a subida do DP é excluída pelas razões já apontadas anteriormente (exclusão do movimento de uma posição casual para outra mesmo se na primeira for verificado o Caso errado)¹⁰.

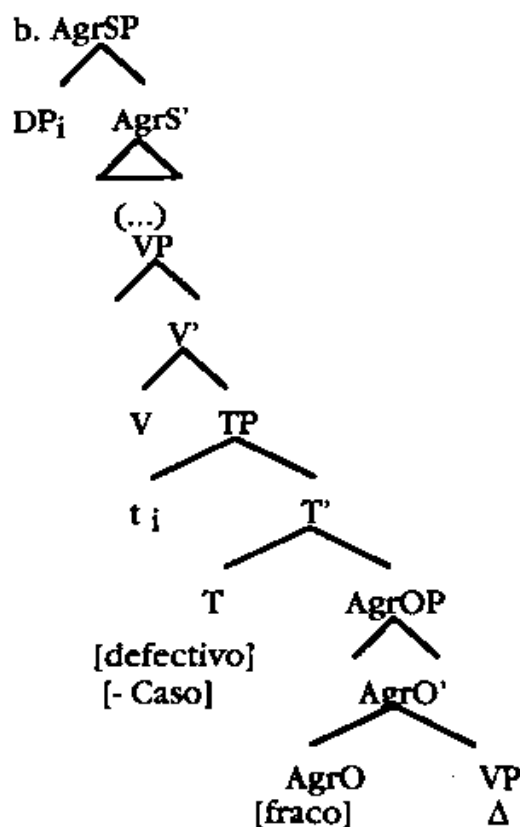
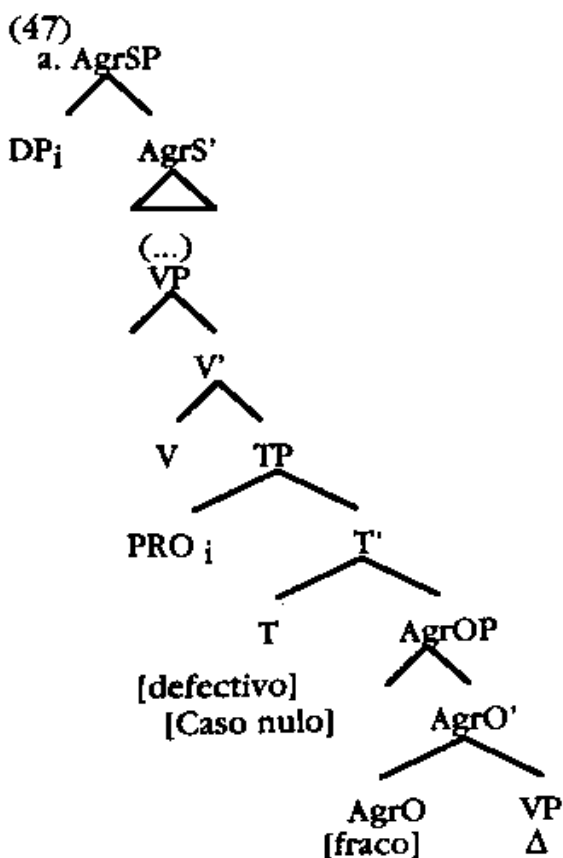
Tendo em conta a análise de Duarte & Matos (1996), segundo a qual os clíticos do PE verificam os seus traços-N em Sintaxe explícita contra os traços de AgrO, a Subida de Clítico em contextos de Reestruturação só é explicada se se considerar que um AgrO seleccionado por um T defectivo tem, na generalidade, traços-N fracos, o que o impede de atrair explicitamente o clítico. Este deve, por isso, subir para o domínio superior, tendo como alvo o núcleo AgrO que aí ocorre¹¹. Da mesma forma, o facto de AgrO não se projectar no domínio infinitivo

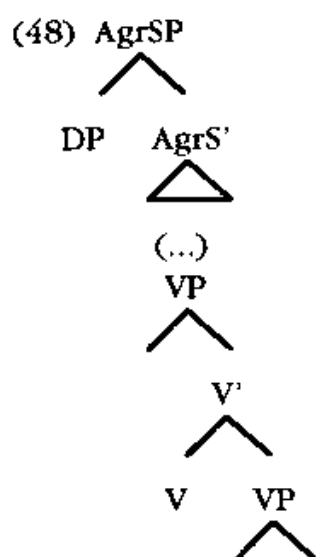
da construção *fazer-Inf* explica o fenómeno de Subida de Clítico nessa construção. A Subida de Clítico deixa, assim, de ser vista como um fenómeno opcional, o que constituía um problema para uma análise desenvolvida no programa de investigação minimalista; com efeito, a subida do clítico para o domínio mais alto é obrigatória nas construções com predicados complexos, já que, no complemento infinitivo, o núcleo funcional que alberga os clíticos em PE ou não se projecta (caso da construção *fazer-Inf*) ou se projecta, não tendo, porém, capacidade para verificar os traços desses clíticos (caso da construção de Reestruturação).

O complemento infinitivo que ocorre nos predicados complexos é, assim, de natureza distinta, consoante ocorra um verbo de Reestruturação ou um verbo causativo:

- (i) se o predicado complexo integrar um verbo de Controlo ou um verbo modal de Elevação o complemento infinitivo pode ser uma projecção de T (defectivo);
- (ii) se o predicado complexo integrar um verbo causativo o complemento não é projecção nem de T nem de AgrO, mas sim de V.

As estruturas simplificadas das frases com predicados complexos que incluem verbos de Controlo, verbos modais de Elevação e verbos causativos de MEC são as que se apresentam em (47a), (47b) e (48), respectivamente:





4. Conclusões

O objectivo deste trabalho era o de mostrar que os contrastes entre os predicados complexos de Reestruturação e os do tipo *fazer-Inf* resultam do diferente estatuto categorial do complemento infinitivo neles envolvido e, logo, da diferente estrutura interna desse complemento.

Se assumirmos o princípio de economia nas representações formulado em (21), os complementos infinitivos nas construções em análise devem ser projecções apenas das categorias funcionais para as quais existe evidência, sendo a estrutura tanto mais defectiva quanto menos categorias funcionais se projectarem. A defectividade desses complementos pode ser encarada como a condição sintáctica para a formação dos predicados complexos. Dito de outra forma, se os núcleos funcionais encaixados se projectarem na sua totalidade e forem activos, a formação dos predicados complexos é bloqueada, por razões que não foram aqui exploradas por se encontrarem fora do âmbito deste trabalho.

Tendo em conta a natureza categorial do complemento infinitivo que ocorre nas construções com predicados complexos aqui analisadas, é possível construir uma escala que vai desde os complementos infinitivos menos defectivos (seleccionados por verbos de Controlo) para os mais defectivos (seleccionados por verbos causativos), passando por um grupo intermédio, constituído pelos verbos modais de Elevação. Assim, nas construções em análise,

- os verbos de Controlo podem seleccionar uma projecção de T, defectivo (porque inerte quanto a traços-V) e com capacidade para verificar Caso nulo;
- os verbos modais de Elevação podem seleccionar uma projecção de T, defectivo (porque inerte quanto a traços-V) e sem capacidade para verificar Caso;

- os verbos causativos seleccionam uma projecção de V (ou, possivelmente, uma projecção de um núcleo funcional não frásico, ou seja, diferente de T e AgrO).

Esta diferença quanto aos núcleos funcionais que se projectam no complemento infinitivo e quanto às suas propriedades é responsável pelos contrastes que se verificam entre os dois tipos de predicados complexos analisados (Reestruturação e *fazer-Inf*).

A oposição entre traços activos e traços inertes implica uma nova perspectiva sobre a projecção dos núcleos funcionais. Assim,

- os núcleos funcionais com traços activos projectam-se;
- os núcleos funcionais inertes quanto à totalidade dos seus traços não se projectam;
- os núcleos funcionais inertes apenas quanto a alguns traços projectam-se, mas são defectivos, logo, transparentes para certos processos (Gonçalves 1998a; 1998b; Gonçalves (em preparação)).

Notas

1 Neste aspecto, o PE distingue-se das chamadas línguas polissintéticas descritas e analisadas em Baker (1988; 1995), nas quais o predicado complexo forma uma unidade ao nível morfológico, como se pode observar em (i) (=Baker 1988: 164; (48)):

- (i) Mphunzitsi a-na-lembe-ets-a ana.
professor CONC-PASS-escrever-CAUSATIVO-ASP crianças
'O professor mandou escrever as crianças.'

2 Como se sabe, a forma do clítico depende das propriedades do verbo encaixado. Assim, de forma simplificada, se se tratar de um verbo intransitivo, o Sujeito é um DP/NP cliticizável em acusativo, como em (9); se se tratar de um verbo transitivo, o Sujeito assume a forma de um PP, introduzido pela preposição *a* e cliticizável em dativo, como em (10).

3 No caso das construções de Reestruturação, poder-se-ia dizer que a impossibilidade de formação de uma estrutura passiva é um problema mais geral, que se coloca também nas construções em que os mesmos verbos co-ocorrem com um complemento nominal. De facto, é isso que acontece com verbos do tipo de *querer*, que não ocorrem sob a forma passiva, como se observa em (i):

- (i) a. A Joana quer os livros da Rua Sésamo.
b. *Os livros da Rua Sésamo são queridos pela Joana.

No entanto, alguns dos verbos que seleccionam ou um complemento nominal ou um complemento infinitivo (permitindo Reestruturação) podem ocorrer sob a forma passiva no primeiro caso, mas não no segundo. O contraste relevante é o que se apresenta em (ii) e (iii):

- (ii) a. O João conseguiu esta vitória com algum esforço.
b. Esta vitória foi conseguida pelo João com algum esforço.

(iii) a. O João conseguiu obter a melhor classificação dos últimos anos.

b. *A melhor classificação dos últimos anos foi conseguida obter pelo João.

4 Sobre as restrições ao nível da referência temporal e, em particular, no que diz respeito à ocorrência da construção perfectiva no complemento dos verbos de Reestruturação do PE, ver Gonçalves (em preparação).

5 Nos últimos anos, muitos têm sido os autores que propõem princípios de economia cujo conteúdo é, no essencial, idêntico ao do Princípio da Estrutura Mínima. A título de exemplo, refiram-se o princípio de Projecção Mínima ("Minimal Projection") de Grimshaw (1993) e o de Economia Estrutural ("Structural Economy") de Safir (1993).

6 O termo "Movimento Longo de Objecto" constitui uma tradução livre de "Object Preposing" (Rizzi 1982). A propriedade central desta construção, na qual ocorre tipicamente o clítico *-se* passivo, consiste na subida do Objecto (temático) do verbo encaixado para a posição de Sujeito do domínio mais alto, sendo desencadeada concordância Sujeito-Verbo nesse domínio.

7 Nas construções de Controlo imperfeito, o Sujeito PRO e o seu controlador não são totalmente correferentes, uma vez que este último denota apenas uma subparte do conjunto de referentes denotado por PRO.

8 Em PE, estas sequências só são gramaticais se o Sujeito lexical for plural, o que legitima a leitura de conjunto que se obtém no domínio infinitivo (cf. (i)), ou se no domínio encaixado ocorrer um PP complemento do verbo, encabeçado por *com* e que integra o DP que denota a entidade com a qual se reuniu o indivíduo denotado pelo DP Sujeito (cf. (ii)):

(i) Os habitantes decidiram/quiseram reunir-se no castelo.

(ii) O Presidente decidiu/quis reunir-se com os habitantes no castelo.

Em nenhum destes casos estamos perante a construção de Controlo imperfeito de Wurmbrand (1998).

9 Note-se que, dados os efeitos da morfologia passiva, que retira ao verbo a capacidade de atribuição de papel temático externo (Chomsky 1981, Duarte 1986 e Roberts 1986), a posição de Sujeito mais alta pode ser local de poiso para o DP em questão.

10 Relativamente à agramaticalidade de (46b), parecem estar em jogo outros factores. De facto, de acordo com Burzio (1986), os verbos de Elevação não podem adquirir morfologia passiva por uma condição que impede a perda vácuca do papel temático externo. Tal facto não invalida, no entanto, a minha argumentação.

11 Digo "na generalidade" porque razões que se prendem com a estrutura discursiva podem levar-nos a considerar que AgrO tem traços-N fortes. Isto pode acontecer quando o DP Objecto não é clítico, caso em que não é evidente que tenha havido Reestruturação. Se, no entanto, considerarmos que nas frases (i) e (ii), abaixo, operou o processo de formação do predicado complexo, é necessário considerar que AgrO pode ter traços-N fortes ou fracos:

(i) O João quer falar Francês bem

(ii) O João quer falar bem Francês.

Assumindo, como em Costa (1998), que os advérbios do tipo de *bem* são gerados numa posição de adjunção-à-esquerda ao VP, a ordem V-Obj-Adv é obtida por movimento do V para as categorias funcionais superiores e do Objecto para AgrO em Sintaxe explícita, o que significa que esta categoria funcional tem traços-N fortes. Por seu turno, a ordem V-Adv-Objecto é derivada por movimento do Objecto apenas em Forma Lógica.

Referências

- Bošković, Z. (1997). *The Syntax of Nonfinite Complementation*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Baker, M. (1988). *Incorporation*. The UCP: Chicago
- Baker, M. (1995). *The Poltsynthesis Parameter*. OUP: Oxford
- Burzio, L. (1986). *Italian Syntax*. D. Reidel: Dordrecht
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Foris: Dordrecht
- Chomsky, N. (1991). "Some Notes on Economy of Derivation and Representation". In Freidin, R. (org.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Chomsky, N. (1993). "A Minimalist Program for Linguistic Theory". In Hale, K. & S. J. Keyser (orgs.). *The View from Building 20*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Chomsky, N. & H. Lasnik (1993) "Principles and Parameters Theory". In Jacobs, J., A. von Stechow, W. Sternfeld & T. Vennemann (orgs.). *Syntax: an International Book of Contemporary Research*. Walter de Gruyter: Berlin, N. Iorque
- Costa, J. (1998). *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Dissertação de Doutorado. HIL: Leiden
- Duarte, I. (1986). "Construções Passivas, Teoria Temática e Teoria do Caso". Comunicação apresentada no II Colóquio de Estudos Linguísticos - Teoria da Linguagem/Teoria da Literatura. Universidade de Évora. Ms.
- Duarte, I. & G. Matos (1996). "Romance Clitics and the Minimalist Program". Ms.
- Gonçalves, A. (1998a). "Sobre as Propriedades das Categorias Funcionais nas Construções de Reestruturação do Português Europeu". *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL: Lisboa
- Gonçalves, A. (1998b). "On Restructuring Constructions in European Portuguese". *Proceedings of ConSOLE 6*. SOLE: Leiden
- Gonçalves, A. (em preparação). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Grimshaw, J. (1993). "Minimal Projection Heads and Optimality". Rutgers Univ. Center for Cognitive Science. Report 4
- Guasti, M. T. (1993). *Causative and Perception Verbs*. Rosenberg & Sellier: Turim

- Guasti, M. T. (1997). "Romance Causatives". In Haegeman, L. (org.). *The New Comparative Syntax*. Longman: N. Iorque
- Guéron, J. & T. Hoekstra (1988). "T-Chains and the Constituent Structure of Auxiliary". In Cardinaletti, A., G. Cinque & G. Giusti (orgs.). *Constituent Structure*. Foris: Dordrecht
- Kayne, R. (1975). *French Syntax. The Transformational Cycle*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Kayne, R. (1989) "Null Subjects and Clitic Climbing". In Jaeggli, O. & K. Safir (orgs.). *The Null Subject Parameter*. Kluwer Academic Publishers: Dordrecht
- Kayne, R. (1991). "Romance Clitics, Verb Movement and PRO". *LJ*, 22-4
- Koopman, H. & D. Sportiche (1991). "The Position of Subjects". *Lingua* 85
- Lasnik, H. (1993). "Lectures on Minimalist Syntax". University of Connecticut. Ms.
- Martin, R. (1992). "On the Distribution and Case Features of PRO". Ms.
- Martins, A. M. (1995). "A Minimalist Approach to Clitic Climbing". *Proceedings of CLS 31*. Stanford University
- Picallo, M. C. (1990). "Modal Verbs in Catalan". *NLLT*, vol. 8
- Raposo, E. (1981). *A Construção 'União de Orações' na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento. FLUL: Lisboa. Ms.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Foris: Dordrecht
- Roberts, I. (1986). *The Representation of Implicit and Detbematized Subjects*. Foris: Dordrecht
- Safir, K. (1993). "Perception, Selection and Structural Economy". *Natural Language Semantics* 2
- Wurmbrand, S. (1988). "Restructuring Control". MIT. Ms.
- Zanuttini, R. (1997). "Negation and Verb Movement". In Haegeman, L. (org.). *The New Comparative Syntax*. Longman: Nova Iorque